



**ANAIS DO CONGRESSO DE
POLÍTICAS PÚBLICAS E
DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA
FACULDADE PROCESSUS**

ISSN: em fase de emissão

Ano I, Vol.I, n.2, jul./dez., 2019.

Editor Responsável: Me. Jonas Rodrigo
Gonçalves

**BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ANTECEDENTES HISTÓRICOS E
FILOSÓFICOS E CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOLOGIA
CONTEMPORÂNEA.**

*Brief Consideration on Historical and Philosophical Background and
Contributions to Contemporary Psychology*
*Breve Consideraciones sobre antecedentes históricos y filosóficos y
contribuciones a la psicología contemporánea*

Beatriz Amália Albarello¹

Resumo

O artigo tematiza o processo de constituição da psicologia como ciência moderna, buscando discutir as teorias filosóficas e os antecedentes históricos que atravessaram o surgimento dessa ciência. Tem como objetivo investigar de que forma a psicologia concebeu-se enquanto ciência empírica e postulou seu objeto de estudo, considerando o momento histórico de emergência de uma noção de interioridade da experiência subjetiva privada, que passa a ser metodologicamente explorada. A argumentação explora o contraste entre as perspectivas racionalistas, empiristas e construtivistas, identificando os modelos teórico-explicativos do psiquismo. Trata-se de uma revisão literária, de caráter teórico e qualitativo com duração de três meses de pesquisa acadêmica.

Palavras-chave: Psicologia; Ciência; Racionalismo; Empirismo; Construtivismo.

Summary

The article discusses the processes of constitution of psychology as a modern science, seeking to discuss the philosophical theories and historical antecedents that cross or emergence of science. It aims to investigate how psychology was

¹ Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Doutoranda no *Stricto Sensu* da Universidade Católica de Brasília. Docente do *Lato Sensu* na Universidade Católica de Brasília.

conceives as an empirical science and postulates its object of study, considering the historical moment of emergence of a notion of interiority of private subjective experience, which is now methodologically explored. The argument explores or contrasts the rationalists, empiricists and constructivists perspectives, identifying the theoretical-explanatory models of psychism. It is a review of literary, theoretical and qualitative character with duration of three months of academic research.

Keywords: Psychology; Science; Rationalism; Empiricism; Constructivism.

Resumen

El artículo discute el proceso de constitución de la psicología como ciencia moderna, buscando discutir las teorías filosóficas y los antecedentes históricos que cruzaron el surgimiento de esta ciencia. Su objetivo es investigar cómo la psicología fue concebida como una ciencia empírica y postuló su objeto de estudio, considerando el momento histórico de surgimiento de una noción de interioridad de la experiencia subjetiva privada, que ahora se explora metodológicamente. El argumento explora el contraste entre las perspectivas racionalistas, empirista y constructivista, identificando los modelos teórico-explicativos de la psique. Esta es una revisión literaria de carácter teórico y cualitativo que dura tres meses de investigación académica.

Palabras Clave: Psicología; Ciência; Racionalismo; Empirismo; Constructivismo.

Introdução

A modernidade inaugura uma visão diferenciada sobre a realidade, instituindo uma separação dos processos físicos e dos psicológicos. No que se refere à psicologia, colocando-se como centrais a noção de sujeito na filosofia do conhecimento e a categoria de indivíduo, como a centralidade de uma crise de valores e do sistema mercantil. Em Figueiredo e Santi (2008), essa crise de valores relaciona-se tanto aos aspectos da religião, com a contestação do sistema de valores heliocêntricos, quanto à separação entre homem e natureza, entre sujeito e objeto, entre mente e realidade. Aqui há uma contestação ao pacto de aliança entre homem e natureza, das referências sociais sobre a existência humana e sua influência sob a ótica do determinismo religioso. No Iluminismo e Romantismo, a influência religiosa torna-se fragmentada em conhecimento secular e moral secular. Cabe enfatizar que o conhecimento e a lógica moral divina, antes centralidade na percepção de mundo, tornam-se controversos acerca da existência humana. A categoria sujeito vai se constituindo com o fundamento do conhecimento, que não compreende mais as crenças religiosas e as influências sobrenaturais. A crise de valores provoca transformação na forma de compreender este indivíduo, que enquanto sujeito, tem um papel fundamental no processo investigativo acerca da subjetividade. Assim, a subjetividade privatizada tem um nascimento, como objeto de estudo da psicologia, sob a ótica racionalista.

Na modernidade, a psicologia surge como ciência com a adoção do método científico, no qual medir e quantificar são compromisso metodológico. A psicologia estabelece para si a meta de modelizar a subjetividade, buscando a lei geral de seu funcionamento, a *psico-lógica* da subjetividade ou lógica da psiquê. A proposta é estabelecer a teoria de um funcionamento na subjetividade, evidenciando a regra à qual tal funcionamento está submetido (PASSOS, 1992).

A proposta desta revisão literária é analisar as raízes históricas desta noção de interior da experiência privada que tem sido explorada metodologicamente por vários cientistas da subjetividade, por meio de uma análise crítica de seus constructos teóricos e metodológicos, contrapondo os métodos de investigação racionalista e empirista, com os modelos científicos da Psicologia Moderna.

A categoria de sujeito da filosofia racionalista

Desde o renascimento, com o advento das teorias racionalistas, os filósofos se apropriavam da subjetividade da autoconsciência pela observação de suas ações, senso de lógica, sua religião, crenças éticas, mas não utilizavam uma metodologia. Os filósofos não baseavam a introspecção como método científico, mas apenas com a experiência da vida social, baseada em métodos sociológicos específicos.

Uma contribuição significativa foi de **René Descartes** (1596-1650), ao afirmar que a alma era provida de razão, sendo normativo ao considerar que a mente age sobre o corpo e sofre influência do corpo através da sensação, emoção e ação. Com o advento do empirismo, **Thomas Hobbes** (1588 – 1679) valoriza a conduta humana ao considerar o homem racional, denominada pela razão, ao qual controla toda a situação. A imaginação e a memória são continuação daquele movimento. HEIDBREder (1981). **John Locke** (1632-1704) reforça o empirismo ao propor que todo o conhecimento é derivado de uma única fonte, a experiência em duas espécies: a sensação (objetos sensíveis ao mundo exterior) e a reflexão (percepção das funções de nossa própria mente). **Berkeley** (1685-1753) discorda das diferenças de qualidades primárias e secundárias ao propor o conhecimento do mundo exterior advindo dos sentidos, por meio das sensações, visões, paladar, olfato. **Hume** (1711-1716) influenciou diversos campos do conhecimento ao fazer uma crítica do eu, colocando em dúvida a existência do eu pensante como princípio de causalidade. HEIDBREder (1981). Uma crítica feita por Danziger (1990) era que Locke apelou para aspectos de sua experiência no estudo da autoconsciência sem analisar a metodologia. A filosofia mental de Locke era encontrar alguma identidade entre seu objeto e objetivo. Ele estava interessado em parar a teoria empirista do conhecimento e fazer uma teoria do funcionamento mental.

Ao final do Século XVIII, precisamente em 1786, o empirismo crítico surge quando **Immanuel Kant** (1724-1804) rompe com a metafísica dogmática afirmando que o conhecimento direto do mundo e da alma é impossível, ao criticar a razão pura como fonte de conhecimento. Ele defende que todo e qualquer conhecimento passa primeiro pela experiência. Em seu Veto Kantiano, ele critica a ausência de objetividade na definição de seu elemento ou objeto de estudo; ausência de objetividade em seu método de investigação; e ausência de quantificação. FERREIRA (2005).

Outras gerações como o fisiologista **Müller** (1801-1858) usou o método experimental como Raymond (1818-1896). Ao final do século XIX, **Wilhelm Wundt** (1832-1920) propõe uma reforma conceitual e metodológica da psicologia. O primeiro laboratório de Psicologia experimental marca na história o estabelecimento da Psicologia como ciência, ao permitir isolar certas variáveis, manipular dentro de certos limites alguns dos seus fatores e, medir de forma precisa e quantitativa as respostas dos sujeitos. Ele considera a percepção e as

sensações um meio para acessar o fenômeno consciente. Com o modelo analítico da introspecção, seu método utiliza uma versão experimental da consciência, ou seja, uma função unificadora das sensações.

Se analisarmos a conjuntura sócio histórica das raízes da Psicologia, até o início do século XX, não havia uma sistemática nas teorias filosóficas e discussões sobre o homem, isto é, não havia uma separação no campo do saber. Isso posto, o modelo científico da Psicologia Moderna é o compromisso de fazer coletivo, por meio do experimentalismo. Desta forma, a lógica da Psique vai além do método analítico dos elementos da percepção e sensações fisiológicas. Danziger (1990) analisa que antes a experimentação era puramente uma atividade cognitiva. O movimento funcionalista em Psicologia é caracterizado como uma proposta da interpretação dos fenômenos psicológicos derivada do pragmatismo. Descrita como um protesto contra a psicologia da consciência defendida por Wundt, voltada para o estudo da estrutura da mente, a perspectiva funcionalista focaliza ao funcionamento da mente e seu papel na adaptação do organismo ao ambiente. Assim, as funções mentais são tratadas como totalidades em ação, e busca-se aplicá-las em termos de suas finalidades no processo de adaptação (SCHULTZ&SCHULTZ, 2000).

Com o advento da moderna Psicologia científica proposto por Wundt, o behaviorismo clássico surgiu em oposição ao mentalismo e à introspecção. O precursor desta Psicologia *Behaviorista* foi John Watson (1878-1958) no qual argumentava que qualquer observador pode mensurar objetivamente o comportamento público observável, justamente porque diferente dos processos cognitivos, que são privados, o comportamento é público. Skinner (1904-1990) no *behaviorismo* radical estuda o comportamento privado e o comportamento público. Diferente dos *behavioristas* metodológicos, proposto por Watson (1878-1958). Na vertente da psicologia comportamental, a tríade entre o *behaviorismo* radical, a análise experimental do comportamento e a análise do comportamento aplicado era o controle das variáveis externas, que por sua vez, está em função das contingências ambientais.

Jean Piaget (1896-1980) foi considerado um dos mais importantes pensadores do século XX. Piaget vê o ser humano como sujeito ativo, que se constrói em sua constante interação com o mundo. Sua abordagem do desenvolvimento cognitivo é conhecida por epistemologia genética. Em sua visão, a aprendizagem só ocorre na medida do desenvolvimento do conhecimento, com o movimento das estruturas da consciência. Analisando estes constructos teóricos e metodológicos da psicologia científica e funcionalista, podemos refletir sua relevância para o advento das teorias cognitivistas e conexionistas. Não podemos negar a contribuição histórica dos estruturalistas Müller, Kant, Titchener, Wundt e o construtivismo de Piaget para o surgimento das ciências cognitivistas. As ciências cognitivas propõem a possibilidade de simulação da mente através dos modelos computacionais, atribuindo o papel mediador aos processos cognitivos, na interação entre organismo e meio. O desenvolvimento das ciências cognitivas foi um resgate do estudo da consciência. Essa abordagem transdisciplinar do conhecimento, teve contribuições da computação, da inteligência artificial, da cibernética, das neurociências, filosofia e linguística. (KASTRUP, 2007 *in* JACÓ-VILELA & ORG.). Para Deyfrus (1991) *in* Heidegger (2005), a explicação cognitivista elucida apenas a cognição do iniciante, cuja conduta é guiada por regras, enquanto no conexionismo estaria muito melhor habilitado para o entendimento da

aprendizagem da perícia. O reconhecimento de um objeto envolve toda a rede de conexões sub-simbólicas, sem recorrer à medida da semelhança predeterminada de traços do mundo externo.

Com os avanços das ciências físicas e biológicas e a adoção do método experimental na análise do comportamento, a abordagem cognitiva-comportamental nasce ao final dos anos 1960, ao se opor aos modelos comportamentais (E-R) proposto pelos *behavioristas*. Bandura (1925 -) in Jacó-Vilela & Orgs. (2005) apresenta que um dos problemas da aprendizagem pelas consequências relaciona-se ao fato de que o indivíduo deve se comportar antes de aprender. Ele apresenta uma teoria da aprendizagem sem tentativa, conhecida como modelação, que é comum entre os seres humanos e que ocorre pela simples observação, sem a necessária reprodução do comportamento.

Para a Psicologia da Gestalt, os processos psicológicos e fisiológicos não poderiam ser concebidos como uma simples soma de elementos isolados e distintos, mas como um todo unificado. Desse modo, a Gestalt passou a rejeitar o estudo dos elementos da experiência (sensações), adotando a experiência imediata ingênua (i.e., não corrompida pela aprendizagem) como seu objeto. (MORAES, 2005 in JACÓ-VILELA & ORGS. 2007). Passar para uma interpretação psicanalítica da Psicologia é passar para um movimento muito diferente daqueles considerados até aqui. Os demais sistemas (e.g., Estruturalismo, Funcionalismo, Behaviorismo, Gestaltismo), a despeito de suas divergências, têm em comum uma fundamentação acadêmica, com forte base experimental. Nenhum deles teve sua origem na ciência aplicada, ao contrário do que ocorreu com a Psicanálise, que se fundamentou na prática clínica, voltado aos interesses as desordens neuróticas, e foi com base em sua experiência com casos dessa natureza que elaborou a teoria e a prática psicanalítica.

A Psicologia Humanista faz uma crítica à visão pessimista de Freud, mas apresenta simpatias por algumas partes das teorias de Alfred Adler, Otto Rank, Carl Jung e Wilhelm Reich. Na verdade, o humanismo não é uma escola de pensamento, mas sim um aglomerado de diversas correntes teóricas. Elas têm em comum a visão humanizada, isto é, enfatizam o homem como possuidor de liberdade, no tempo presente. Sua origem é filosófica fenomenológica existencial, numa concepção de ideias. Sob a ótica humanista, há uma inquietação e reconhecimento da integridade e valor do homem e o interesse no desenvolvimento das potencialidades de cada pessoa. Considera-se fundamental neste ponto de vista a pessoa tal como ela se descobre em seu próprio ser e se relaciona com outras pessoas e grupos sociais. A Psicologia Humanista propõe que o foco de atenção se volte ao ser humano em sua totalidade, considerando-o como uma entidade complexa de natureza biológica, psicológica e vivendo em sociedade. (BARRETO, 1999).

Considerações finais

Fazendo uma contextualização sócio histórica, podemos notar a importância das raízes da Psicologia para o surgimento das abordagens teóricas e metodológicas da Psicologia Moderna.

Em se tratando de método científico, a psicologia avançou significativamente em seus estudos para compreender e agir empiricamente sobre os fenômenos investigados. Com as contribuições de várias raízes

epistemológicas, surge as abordagens psicológicas como método de aplicação prática nos diversos contextos, tais como a psicologia escolar, a psicologia clínica, a psicologia hospitalar e a psicologia organizacional e a psicologia social. Foi percebido que a Psicologia Moderna teve influência de vários fundamentos teóricos e metodológicos, tais como a perspectiva estruturalista, Funcionalista, Conexionista, Existencialista, Fenomenológica e Humanista.

Seu método empírico e científico divergem de abordagens práticas, contudo não há um consensual acerca do objeto de estudo, tendo em vista que cada constructo teórico percebe o sujeito a seu modo de pensar, analisar e contextualizar os fenômenos psicológicos e sociológicos da época.

Em todo o caso, os cientistas propõem que a Psicologia seja uma ciência empírica e científica em sua totalidade, integrando homem e sociedade sob a ótica das interações sociais e/ou da construção sócio histórica num olhar mais humano e talvez, ousado dizer, tecnológico e moderno. Assim, enquanto houver subjetividade, haverá humanidade.

Referências

- AMATUZZI, M.M. (2001). **Por uma psicologia humana**. Campinas: Alínea, 2001.
- AMATUZZI, M.M. (2010). **Rogers: ética humanista e psicoterapia**. Campinas: Alínea002E
- BARRETO, C.(1999). **A compreensão e o lugar da abordagem centrada na pessoa no espaço científico-sociocultural contemporâneo**. *Revista symposium*, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, ano 3, p. 34-40. 1999.
- BEZERRA, M. E. **Um estudo crítico das psicoterapias fenomenológico-existenciais: terapia centrada na pessoa e gestalt-terapia**. 125f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Social). Departamento de Psicologia Clínica, Universidade Federal do Pará.2007.
- CHIBENI, S. S. **Algumas observações sobre o método científico**. Departamento de Filosofia – Unicamp. São Paulo, 2006.
- DANZIGER, K. **Constructing the subject: Historical origins of psychological research**. New York: Cambridge University Press. 1990.
- FIGUEIREDO, L. C. M., & SANTI, P. L. R. D. **Psicologia, uma nova introdução: Uma visão histórica da psicologia como ciência**. 3º. Edição. São Paulo: Educ, 2008.
- FERREIRA, A. A. L. A Psicologia no recurso aos Vetos Kantianos.In: JACÓ-VILELA, A. M., FERREIRA, A. A. L., & PORTUGAL, F. T. (Eds.). p.97-103.**História da Psicologia: Rumos e percursos**. Rio de janeiro, RJ, Nau: 2005.
- GOMES, W. & HOLANDA, A. & GAUER, G. Psicologia Humanista no Brasil. Em: Massimi, M. (org.). **História da psicologia no Brasil do século XX**. São Paulo: EPU. 2004.
- HEIDBREDE, E. **Psicologias do Século XX**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1981.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Rio de janeiro: Editora Vozes, 2005.
- JACÓ-VILELA, A.M; FERREIRA, A.A.L. PORTUGAL, F.T. A psicologia no recurso aos vetos kantianos in: **História da psicologia: rumos e percursos**. Pp. 85 – pp. 91. Nau editora: Rio de janeiro. 2005.

KASTRUP, V. A psicologia no contexto das ciências cognitivas. In: JACÓ-VILELA, A. M; FERREIRA, A. A. L; PORTUGAL, F.T. (Orgs.) **História da Psicologia: rumos e percursos**, p. 215-238. Rio de Janeiro: Nau, 2007.

MATURANA, H.R. & VARELA, F. G **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas, SP. Editora Psy, 1995.

MORAES, M. O gestaltismo e o retorno à experiência psicológica. In JACÓ-VILELA, A. M; FERREIRA, A. A. L; PORTUGAL, F.T. (Orgs.) **História da Psicologia: rumos e percursos**, p. 301-308. Rio de Janeiro: Nau, 2007.

SCHULTZ, D. P. & SCHULTZ, S. E. *Historia da Psicologia Moderna*. Editora Cultrix. Rio de Janeiro, 2000.

TODOROV, J. C. **Behaviorismo e Análise Experimental do Comportamento**. Cadernos de Análise do Comportamento, n.3, pp.10-23. Universidade de Brasília. Brasília, 1982.